

LEONARDO COSTAS
DA REDAÇÃO

24 de abril de 1964. Nesse dia, há exatos 50 anos, trazido pelo rebocador de alto-mar *Tridente*, da Marinha, chegava ao canal do Porto de Santos o navio-prisão *Raul Soares*. A embarcação foi preparada para receber presos políticos durante a ditadura militar (1964-1985) e ficou ancorada até 2 de novembro do mesmo ano, próximo à Ilha Barnabé, quando foi levada embora para o Rio de Janeiro e, depois, destruído.

Seis dias depois de sua chegada a Santos, recebeu a primeira leva dos "subversivos" - nomeação dada pelos militares a todos que não concordavam com a imposição de ordem por eles. Ao *Raul Soares* coube tolher a liberdade de homens que nenhum crime haviam cometido.

A primeira turma era formada por sargentos do Exército e da Aeronáutica anteriormente recolhidos em instalações militares da região. Somaram-se a eles, mais tarde, sindicalistas, jornalistas e políticos.

Segundo depoimentos dos próprios prisioneiros, eles foram submetidos a condições subumanas de sobrevivência. Muitos diziam dormir sobre imundos colchões úmidos e que havia no local pulgas, baratas e percevejos.

A embarcação tinha três compartimentos, batizados com o nome de famosas boates à época. O *El Maroco* era um salão metálico ao lado da caldeira, sem ventilação, onde a temperatura passava dos 50 graus. No *Night and Day*, o prisioneiro ficava numa pequena sala com água gelada até o joelho. As fezes dos ocupantes eram despejadas no *Casablanca*, também com detentos. Até hoje não se sabe quantas pessoas foram trancafiadas nos porões.

Lídia Maria de Melo, jornalista, professora do curso de Comunicação da Universidade Católica de Santos (Unisantos) e autora do livro *Raul Soares. Um Navio Tatuado em Nós*, é filha do portuário e sindicalista Iradil Santos Mello. Ele era diretor do Sindicato



Há 50 anos, a repressão atracava em Santos

Meio século após a chegada do navio-prisão Raul Soares, testemunhas lembram a história que não deve ser esquecida

dos Operários Portuários (atual Sintrapor) e ficou dois meses preso na embarcação (de agosto a outubro), além de uma semana no Departamento de

Ordem Política e Social (Dops). Ela conta que somente após meio século, algumas questões são respondidas, como a participação dos norte-ameri-

canos no golpe de Estado de 1964. "Há um documentário que saí em 2013 denominado *O Dia que Durou 21 Anos*, que mostra e comprova que os

Estados Unidos estão relacionados ao Golpe Militar, que estava planejado para ser em 1954, quando Getúlio Vargas se matou".

Sobre esses 50 anos, a professora, que também é membro da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Unisantos, vê com preocupação como a ditadura é analisada por certos setores.

"Tem historiadores, membros das imprensa falando que a ditadura durou dez anos e isso é preocupante. Muitos dizem também que ela começou em 1968, com o Ato Institucional (AI) 5. Nós tivemos 17 AIs e antes do quinto foram quatro que tiraram direitos importantes dos brasileiros. Se desconsiderarmos isso, apaga-se a história que aconteceu em Santos, que é anterior ao AI-5 e que não pode ser ignorada".

VERDADE

Wilma Guerra Maransaldi, de 67 anos, também deseja que a verdade venha à tona. Ela viu seu pai, o líder sindical Waldemar Neves Guerra, ficar retido no navio-prisão *Raul Soares* de 9 de julho até 23 de outubro de 1964, data em que todos foram libertados.

"Desejo uma reparação da Justiça. Não tivemos nenhum pedido de desculpa. É um tempo doído, mas temos que lembrar para que todos saibam a verdade. É bom para a história do Brasil", ressalta.

Segundo ela, as visitas ao navio-prisão ocorriam duas vezes por semana, às quintas-feiras e aos domingos. "A escada que usávamos para adentrar a embarcação era horrível, não cabiam nossos pés. Os militares riam e muitas mulheres choravam. Era uma falta de respeito".

Os presos ficavam incomunicáveis. Quando recebiam visitas dos parentes, sentavam junto a mesas enormes e eram acompanhados de dois guardas. "Não se podia falar nada mais íntimo", lembra.

No entanto, ela conta um episódio de como uma mulher conseguia se comunicar com o marido. "Ela levava uma caixa de fósforo e conversavam por bilhetes. Tiravam os palitos, escreviam a mensagem no fundo e colocavam os palitos".

Memória



"Estávamos em casa, na Rua Tolentino Filgueiras, e a campanha tocou. Abri a porta e os militares mostraram um emblema do Dops. Disse que estava sozinha, e não os receberia pois era menor de idade (tinha 17 anos) e que eles não poderiam entrar. Porém, viram que havia uma senhora na sala (estava de visita) e disseram para que eu ficasse sossegada, pois não mexeriam com minha honra. Empurraram a porta, que bateu no meu peito. Essa dor sinto até hoje só de lembrar. Logo depois levaram meu pai, que foi muito torturado".

Wilma Guerra Maransaldi, filha do líder sindical Waldemar Neves Guerra, retido no navio-prisão de 9 de julho até 23 de outubro de 1964

"A vida segue em frente. Mas é um assunto que me dediquei porque aconteceu e afetou minha família. Cresci dentro do Golpe Militar e houve uma história, que precisa ser conhecida para que não se repita"

Lídia Maria de Melo, jornalista e autora do livro *Raul Soares, um Navio Tatuado em Nós*, filha do sindicalista Iradil Santos Mello



FOTOS: IRADIL ROBS

Navio segue na mira de comissões da verdade

■ Saber com detalhes o que houve dentro do navio-prisão *Raul Soares* bem como outros centros de tortura no País é um dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), cuja principal finalidade é apurar graves violações de direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

Em novembro de 2013, membros da CNV colheram em Santos 19 testemunhos. A audiência foi realizada em parceria com a Comissão Municipal da Verdade da Cidade.

A advogada Rosa Cardoso, que integra o colegiado da CNV, diz que os trabalhos estão concentrados nas análises dos depoimentos. Segundo ela, sobre o *Raul Soares* não há novas informações além das já divulgadas.

"O que é menos conhecido é o contexto no qual o *Raul Soares* apareceu. Sempre se diz que houve uma 'dilatância' até 1968 e o que a gente descobre é que não aconteceu nada disso. O Golpe Militar começou a ser preparado no início da década de 60 por entidades feitas por civis, através de órgãos e sindicatos criados por igrejas, empresários, e que eram alternativos ao movimento sindical reivindicativo à época. Eles foram criados para vigiar o movimento", explica.

Rosa também destaca a presença norte-americana na articulação do Golpe e afirma que, quando ele aconteceu, veio com uma violência massiva contra trabalhadores presos ilegalmente. "Eles eram do campo ou urbanos. Estes últimos foram presos em cidades litorâ-

Sem registro

Segundo informações da assessoria de imprensa da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), não há documentos ou registros oficiais dentro da estatal que confirmem a presença do navio-prisão *Raul Soares* no Porto de Santos.

neas que tinham grande concentração de operários, como Niterói, Fortaleza, Macaé, Santos (caso do *Raul Soares*)".

SANTOS

Maurício Valente é coordenador do Comitê Popular de Santos pela Verdade, Memória e Justiça. A entidade é uma das que deram o primeiro impulso para a criação da Comissão Municipal da Verdade de Santos, instituído pela Câmara.

Ele diz que a função do Comitê é construir uma base de

apoio para resgatar uma memória apagada. "Quando os presos saíram do *Raul Soares*, a Cidade não sabia de nada o que acontecia na embarcação ou com as vítimas. E resgatar a memória implica nisso".

Para esmiuçar o que houve, pretende pedir às comissões da verdade nacional, estadual e municipal que convoquem Julio de Sá Birrenbach, que sempre negou as acusações de torturas no navio-prisão.

Ele assumiu a Capitania dos Portos, em Santos, em 31 de março de 1964 e ficou no posto por nove meses. "Queremos uma audiência para tomar seu depoimento, assim como do comandante da Base Aérea de Santos (à época)".

Este último baseia-se nos depoimentos na audiência de novembro. O uso da Base Aérea de Santos como prisão e palco de tortura é pouco conhecido e a Comissão Municipal da Verdade bem como o Comitê Popular tentam aprofundar as investigações. (LC)